

Minha tia Dondon

Junho chegara com muita chuva! As águas do céu desciam incessantes por dias inteiros, cobrindo de uma lama gorda e cinzenta todo o curral, todo o pátio interno da casa onde morávamos; uma lama que ondulava, refluía até a beira da calçada que contornava a casa e era o único espaço por onde se podia passar. No entanto, para se chegar ao estábulo onde as vacas leiteiras iam receber as rações da tarde, era possível seguir a pé enxuto sobre pedras de um único caminho, ali colocadas para esse fim. Do contrário, só se poderia chegar enfrentando lama até o meio da perna.

Agarrado às grades de ferro da cozinha, eu olhava para a chuva que caía e para os empregados ocupados em preparar as rações das vacas naquela tarde, correndo, sob a chuva, atrás do gado, com os pés atolados na lama. Vinha-me também a vontade de correr descalço naquele massapê lamacento, vontade de correr de pé no chão nas poças d'água sobre o capim rasteiro dos cercados, na alegria dos meus dez anos de idade. Às vezes desviava a vista dessas cenas mais próximas, e olhava para mais longe, para além das mangueiras de Seu João e Sinhá Ricarda, para além do Zumbi regurgitando de água. Lá estava o Manuel Fogueteiro socando num pilão, debaixo de um telhado de zinco, o carvão, o enxofre e o salitre para fazer a pólvora com que fabricava os foguetes de São João.

Junho chegara com muita chuva! O milharal que plantei por São José pendoava e me daria, por Santo Antônio, uma boa mão de milho verde. Eu pensava nas canjicas que com ela haveria de fazer; além disso, considerava que, com tanta chuva, sr. Antônio não cortara ainda a lenha para as fogueiras de São João e São Pedro. No entanto, já lhe tinha indicado que nas mangueiras do caminho e nas da frente havia galhos secos que poderiam ser usados nas fogueiras que iam ser queimadas nas vésperas de São João e São Pedro. Era preciso cortá-los e a eles, juntando-se mais alguns gravetos, fazer duas grandes fogueiras para, em torno delas, podermos brincar de roda; ou assarmos na brasa espigas de milho verde; ou tirarmos tições para acender caixas de traques, mosquitinhos, busca-pés, foguetes do ar. Podíamos também usar o fogo de lenha para acender pistolas ou queimar estrelinhas; era também possível atirar com bacamartes. E até fazíamos o milagre de andar sobre o fogo, com essas brasas amortecidas na cinza.

Aquele mês de junho estava muito chovido. Às vezes, à noite, rajadas violentas de vento açoitavam os galhos molhados do oitizeiro grande, fazendo um surdo, um profundo rumor; os galhos do oitizeiro batiam nas janelas do sobrado, na última parte da casa, lugar onde dormiam as minhas irmãs e as empregadas; isto despertava grande pânico entre as mulheres, que temiam, supunham que a árvore pudesse pôr a casa abaixo.

Nesse mês de junho, as noites de chuva eram às vezes tempestuosas; pelo espaço, estalava o estrondo dos trovões e logo a luz dos relâmpagos cortava o céu; ficávamos com medo da queda de um raio, principalmente a minha tia Dondon. Era muito velhinha a minha tia-avó, a quem chamávamos Dondon; era uma das irmãs do meu avô paterno e, como ele, preferiu morar com meu pai, não com as irmãs, com as quais não se dava bem. Morava num quarto da grande sala de jantar, quarto que era uma alcova, isto é, não tinha janela; e conservava também, sempre fechada, a única porta de entrada. Os seus cabelos estavam embranquecidos – teriam sido louros – embranquecidos pela traição do tempo que passa; mas, por outro lado, conservava ainda os olhos fielmente azuis.

Nos poucos momentos de estiagem, podiam-se ver, nos casebres e mocambos distantes, pequenas luzes na escuridão da noite. Era o velório de um bexiguento. A peste de bexigas assolava, naquela época, quase todos os subúrbios do Recife. De repente, via-se sair, de um mocambo, uma rede, com um cadáver transportado por dois homens; outros o

acompanhavam, levando nas mãos velas acesas, envolvidas em improvisadas lanternas de papel; levavam o morto, que conservavam escondido até a noite, para o Cemitério do Barro, um cemitério que eu não sabia bem onde ficava.

O que, no entanto, mais me impressionava eram as procissões que a gente do povo fazia, em louvor de São Sebastião, padroeiro e protetor dos que estavam ameaçados pela peste das bexigas. Das janelas da sala da frente, via-se passar a procissão: luzes desfilavam na noite negra, na noite espessa. Pela estrada nova da Caxangá, ouviam-se vozes cantando, pedindo ao santo que cessasse a peste, implorando perdão pelos pecados. Cantos cheios de arrependimento e de gratidão pela intervenção do padroeiro, na sorte deles. A imagem do santo também se avistava, iluminada por uma luz que se esbatia na sombra profunda da noite densa, molhada por uma chuva fina. Tudo isso me confrangia, tudo me dava, ainda na infância, uma sensação dolorosa. A procissão passava com o seu cortejo de fiéis, com a sua imagem iluminada numa litania agônica e sofrida, desesperada e ao mesmo tempo cheia da esperança de que o santo acabaria por ouvi-los e atendê-los. Dentro de uma chuva fina e de uma noite densa, a procissão de São Sebastião passava na estrada.

Principalmente a minha tia Dondon temia as tempestades quando elas apareciam no horizonte, sempre do lado do nascente, sobre a cajazeira grande. Ela saía nervosa do quarto, com um rosário na mão e uma campainha, dirigia-se para a janela que ficava na sala, bem à frente do seu quarto e, por detrás das reixas, ficava rezando o terço e tocando, de vez em quando, a campainha; não sei onde aprendeu esse feitiço, esse esconjuro para afastar tempestades; o fato é que sua magia parecia afastar da nossa casa o perigo da queda de um raio. Também era, nesses períodos de tormentas, o único motivo que a fazia sair do seu quarto, durante a noite; durante o dia, saía aos domingos para ouvir missa, apenas nos dias em que não chovia. Além disso, andava pelas dependências da casa, nos momentos em que ninguém se encontrava, apanhava o que achava no chão, abandonado; aliás, esperava que essas coisas desprezadas não fossem mais de uso; não pudessem, de qualquer maneira, ser procuradas: eram carretéis vazios de linha, que ficavam largados no chão, pelos cantos, sem préstimo; carretéis de vários tamanhos, cuja linha tinha sido usada na sala de costura e rolavam pelo chão; recolhia-os, guardava-os, sobretudo os de madeira, pela sua forma ainda firme e segura, bem feitos, bem contornados, podendo, no seu entender, ser utilizados. Eram caixas de fósforo de vários tamanhos, também deixadas sem uso pelos cantos da casa; caixas de fósforos ou de caraduras, que tinham servido para guardar pequenos foguetes; frascos de perfumes vazios e outros tipos de invólucros, já também em desuso. Tia Dondon tinha preferência pelos brinquedos; os brinquedos que nós, meninos, recebíamos nos dias de festa; além das bonecas das meninas, pequenos trens, carrocinhas, pequenos bois, cavalinhos de madeira que, logo depois de quebrados, são deixados como lixo, sem préstimo. Pelo Natal, pelo Carnaval, ou pelas festas do mês de junho, era grande a colheita que ela fazia. Pelo Natal e Ano Bom, ia recolhendo os velhos calendários substituídos pelos do novo ano; as flores que tinham figurado durante o ano, agora substituídas; pelo Carnaval, eram as bisnagas, eram sacos de papel picado, ainda cheios de confetes; eram as bombas de cheiro não arremessadas durante os folguedos dos três dias de Carnaval. Pelas festas do mês de junho, guardava as caixas vazias de traques, as tabocas vazias atiradas, as tabocas dos busca-pés, dos foguetes do ar; bisnagas com cheiro e coloridas (destas, aliás, sempre envolvidas em papéis coloridos, deve ter feito uma grande coleção); mês de agosto, mês de muito vento; mês em que se usava, naquele nosso subúrbio, empinar papagaio; também os velhos gamelos, os buzamar, os jarros, as pipas, os livros, eram também guardados por minha tia.

Havia na sua atitude, nesse seu movimento, um gesto de compaixão, de piedade pelas coisas mortas e abandonadas; recolhia-as assim, carinhosamente, como se aqueles objetos tivessem também uma alma, uma alma dispersa, erradia e que mais tarde viria novamente a eles se incorporar: de novo os brinquedos se refariam, suas cores voltariam ao brilho primitivo, as bisnagas vazias se encheriam outra vez de água perfumada para serem usadas em futuros carnavais; as tabocas, por sua vez, também ficariam cheias de pólvora e depois voltariam a fazer curvas no ar, explodindo em outros vindouros festejos de São João; em outros meses de agosto, os gamelos, as pipas, os lírios voariam; e assim sucessivamente, como se existisse um céu eterno para as almas das coisas inanimadas. Já muito velhinha, minha tia só pensava no céu para ela; desejava também um céu para todos; no seu conceito, todos tinham direito ao paraíso, que era prefigurado como uma reprodução perpétua.

Com tudo que já tinha recolhido, encheu e guardava no seu quarto duas ou três malas ou baús; sobre isso não se podia saber muito bem, pois, em seu quarto só entrava a empregada para fazer a limpeza, e esta apenas suspeitava do que havia no interior de vários baús lá conservados; perguntando-lhe para que reunia tanta coisa quebrada e imprestável, nesses momentos minha tia dava vazão a toda a sua fantasia, explicando que tudo aquilo que guardava era para fazer novos brinquedos para os meninos; quando menos esperássemos, veríamos correndo no chão vários carros rodando sobre os carretéis; as bonecas de louça, as de pano, também serviriam, renovadas, e até mais bonitas do que foram.

Vivendo assim, por vários anos sucessivos, dormindo na sua cama de solteira, num quarto que era uma alcova, minha tia possuía muitos santos, a eles fazia promessas e pedia milagres. Seu quarto estava sempre fechado, e nele ninguém podia entrar. Sua vida naquela alcova era quase segredo, era também um sonho; devaneio que ela muito raramente revelava quando descrevia o que iria suceder, isto é, alguma coisa de mágico e de deslumbrante.

Naquele dia fiquei contemplando os trabalhos dos empregados debaixo da chuva, os pés atolados no lamaceiro: contemplava-os, com as mãos presas às grades da cozinha. Começava lentamente a escurecer e a chuva parou um pouco. Com o anoitecer já o fogueteiro Manuel abandonara a sua mão de pilão e se tinha recolhido; decerto estaria trabalhando dentro de casa, nos seus foguetes.

Deixei as grades da cozinha, fui para a sala de jantar e me sentei à mesa, onde toda a família já estava reunida numa grande mesa para a refeição da tarde; sentava-me num dos lugares mais afastados, pois era um dos menores da família e a colocação na mesa era segundo o nascimento.

Logo após o jantar saí, numa estiada da chuva, e me dirigi para o jardim que era na frente da casa; de lá se via quem passava pela Estrada Nova.

Naquele noite fora dormir muito tarde, pois fiquei na sala de costuras até quase dez horas a ouvir histórias macabras, contadas pela velha Gertrudes, histórias que falavam de um castelo mal-assombrado onde as pessoas que o visitavam não mais voltavam, e ninguém se animava a procurá-las; no entanto Gertrudes contava que aparecera, vindo de longas terras, um homem que não acreditou nos fantasmas anunciados pelos habitantes da localidade; diziam que ocupavam o castelo. Corajoso, decidido, o forasteiro animou-se em lá passar a noite, e afirmou que na manhã seguinte estaria certo de voltar e contar o que com ele sucedera. Partiu já à noitinha para o morro onde estava situado o castelo, penetrou no terraço, entrou por uma das portas escancaradas e, na escuridão, foi tateando até que chegou a uma das dependências, onde encontrou um leito qualquer onde pode repousar; nele deitou-se para dormir; até então não o surpreendeu nada que pudesse lembrar fantasmas, deitou-se e logo adormeceu num sono tranqüilo.

De repente, em pleno sono, o caminhante ouviu um agoniado grito; surpreso abriu os olhos e viu que do teto pendia uma perna, apenas uma perna pendurada falava, dizia:

– Eu caio? Eu caio?

O hóspede, valente e temerário, respondeu resolutivo:

– Ora, caia se quiser.

Depois apareceu no mesmo lugar uma outra perna pendurada.

– Eu caio? Eu caio?

O homem repetiu.

– Já disse que pode cair!

Assim foram caindo no chão todas as partes de um corpo humano. E a narração continuou dentro de uma atmosfera da mais lúgubre encenação. Não sei ao certo como a história terminou; mas, todo aquele ambiente, noturno e deserto, visitado já tarde da noite por fragmentos de um corpo que do telhado caíam no chão, se reuniam e se recompunham, na forma de um demônio; toda aquela história me trouxe uma perturbação, um pavor imenso.

Lembro que o conto prosseguia com a queda de outros corpos que não sei se eram demônios ou se eram homens já mortos há muito tempo naquele castelo agora abandonado; caíam sempre do telhado aos pés da cama de onde estava deitado o forasteiro, e sempre perguntando, com uma repetição macabra, se podiam cair; lembro que caíam diversos fantasmas. De repente, na escuridão do quarto, um grupo de rostos apareceram com os olhos alucinados, e as bocas abertas, como a querer devorar o visitante que, com o fogo que luzia naqueles rostos, notava, admirado, que repousava num leito majestoso e num quarto também muito bonito, contrastando com o castelo em ruínas que ele pressentiu quando entrou.

Como disse, não sei ao certo como a história terminou, não me lembro se o forasteiro chegou a voltar ao povoado ou se foi devorado pelos fantasmas; sei apenas que o que foi narrado me deixou num estado de nervos insuportável; antes do fim da história já me tinha afastado, procurando o meu quarto para dormir; comigo mesmo pensava que não iria dormir naquela noite, e isso, para mim, era uma perturbação que trazia efeitos deploráveis.

Deitado na cama estava eu procurando conciliar o sono, procurando esquecer tudo que tinha ouvido da história que Sinhá Gertrudes tinha contado, mas em vão; chegava, de vez em quando, a voz do fantasma.

– Eu caio? Eu caio?

E ao mesmo tempo aparecia no telhado do meu quarto uma perna pendurada, uma perna sem corpo, oscilando, sangrenta e mutilada; fechava os olhos, procurava esquecer, começava a rezar uma ave-maria, mas era inútil, a obsessão voltava; às vezes tinha a impressão de que já perto do meu leito, os fragmentos do corpo mutilado estavam reunidos e prontos para me enforcar; às vezes tinha a impressão de que cochilara e aquilo era apenas um sonho, me acalmava um pouco, me tranquilizava, era possível que viesse a esquecer a história. Procurava pensar em outras coisas que tinham acontecido naquele dia; a chuva caindo no curral, os empregados correndo atrás das vacas e dos bezerros, com os pés atolados na lama, as calças regaçadas; a alegria que teria quando por Santo Antônio colhesse milho do meu milharal ou comprasse a Manuel Fogueteiro alguns maços de mosquitinhos. Esses pensamentos, porém, se perdiam e a voz do fantasma voltava aterradora.

– Eu caio? Eu caio?

E a visão da perna mutilada aparecia.

Por fim, depois de muito esforço, veio-me a impressão de que tinha perdido a razão, ou melhor, a faculdade de pensar em coisas boas e ruins cessada, dormia... Estava adormecido.

Dormia? Não. Estava desperto e tudo o que havia sucedido foi um terrível pesadelo; levantei-me da cama para procurar debaixo dela o meu carneiro; era com ele que corria montado no

prado de corridas de carneiros que mantínhamos; não o encontrei, pensei que estivesse no corredor e saí pela porta do quarto para ver se o achava; fui caminhando vagarosamente pelo corredor, olhando para os lados, para as paredes, ainda pensando no meu carneiro. De repente, olhando para diante, isto é, olhando para o fim do corredor que dava para a sala de jantar, vi uma luz, no local onde devia, àquelas horas, apenas existir escuridão; avancei resoluto, notei que a luz vinha da porta do quarto da minha tia Dondon, achei aquilo inesperado; continuei a caminhar na direção da sala de jantar, onde penetrei e, me esgueirando, me coloquei por trás de um guarda-louça, ao pé da mesa grande que ficava bem em frente do quarto da minha tia; de lá comecei a olhar para dentro daquele lugar inesperadamente iluminado.

Com a maior curiosidade, escondido por trás do aparador, olhei para dentro do quarto e vi sentada, numa cadeira, uma jovem loura e de olhos azuis; tinha nos lábios um sorriso indeciso; balançava-se alegre na parede do fundo, atrás de uma janela aberta ilusoriamente; via-se, no céu distante, a lua em quarto minguante.

A jovem loura era minha tia como teria sido na mocidade; o que, porém, mais me surpreendia era a janela, naquele quarto que era uma alcova; e o quarto minguante? Que significava tudo isso? Me aconcheguei cada vez mais por trás do armário e, embevecido, surpreso, continuei a observar minha tia, agora rejuvenescida, se balançando na cadeira.

Tirei, por fim, a vista, e olhei para o que estava em torno da cadeira; as malas e os baús abertos. Tinham acabado de se abrir e começavam a descer deles vários brinquedos perfeitamente trabalhados; outros, as bonecas de pano e de louça, em estado perfeito, já tinham se colocado sobre a cômoda do outro lado.

Grandes brinquedos armados sobre carretéis corriam pelo chão, os pequenos trens, os pequenos carros também, sem que ninguém neles tocasse, moviam-se livremente em todos os sentidos. E a minha tia começou a rir com alegria, mostrando não mais a dentadura de velha, mas belos dentes brancos.

De dentro dos baús tinham também saído as bisnagas, as tabocas de foguetes, os papagaios de papel, tudo no mais perfeito estado de conservação, ali prontos para serem novamente usados. As tabocas e as bisnagas estavam agora cheias respectivamente de pólvora e de perfume, como eram no tempo em que foram usadas. E os papagaios, os gamelos, os baldes e bujarronas estavam também com armação de frechas novas, também prontos para serem empinados. Estavam ali todos, sobre a cômoda, com os respectivos cabinhos.

Fiquei deslumbrado.

Longe, através da janela esquisita que apareceu na parede do fundo, também o quarto minguante da lua parece que contemplava aquele espetáculo.

Tia Dondon sorria. Estava no auge da sua satisfação, agora rodeada dos seus brinquedos. Na manhã seguinte iríamos nós, meninos, nos surpreender com eles, e assim provar que tinha cumprido sua promessa.

Estava por trás do armário, ainda espreitando, quando, de repente, ouvi como que o som de um rouquido, um ruído agudo e arquejante, ruído surdo e ofegante. Tive um aceno de espanto e de medo. Fechei os olhos, senti em mim qualquer coisa de inesperado. Despertei e, com surpresa, me encontrei escondido por trás do aparador. Olhei para a porta do quarto de minha tia; estava fechada como sempre.

Vi que estava fechado através de uma pequena claridade que era mantida toda a noite no quarto dos santos, e que vinha de uma luz de lamparina.

Tive que voltar para o meu quarto, percorri Tateando o corredor até a porta. Na minha cama me deitei e esperei, desperto e espantado, até amanhecer. Tinha sofrido um acesso de sonambulismo em consequência da perturbação sofrida com a história de trancoso contada

pela velha Gertrudes. Acesso que não era em mim freqüente, apesar de sofrer bastante dos nervos que, por qualquer coisa, me faziam passar noites em claro.

Depois da chuva da véspera, a manhã surgira muito clara e serena, parecendo não chover naquele novo dia. Saí para o pátio onde estava o grande oitizeiro. Passei tranqüilamente, todo o dia, procurando avisar a Seu Antônio que ele, com aquele dia, podia ir cortar a lenha para fazer a fogueira. Não o encontrei. Agora, com o sol, ele estava empenhado com outros serviços mais prementes, estava empenhado em mover a bomba para encher as caixas d'água que alimentavam o encanamento do banheiro e da lavagem de roupa.

Depois do almoço, porém, às duas horas da tarde, começou a chover uma chuva fina; até essa hora fiquei no meu quarto estudando as minhas lições do dia seguinte. Ao sair do meu quarto e passando pela porta da alcova da minha tia, ouvi, de repente, inesperadamente, o mesmo grito, o mesmo rouquido ofegante que tinha ouvido em sonho: desorientado, nervoso, amedrontado, fugi para o jardim à frente da casa; caía uma chuva fina; pouco demorei no jardim, pois uma das minhas irmãs, meio perturbada, chegara até lá perguntando por mim:

– Menino! Saia da chuva volte para casa; Tia Dondon morreu.

Compreendi:

O grito que ouvira no meu sonho de sonâmbulo era a previsão do sino, do ruído, da respiração estertorosa das cardíacas; aquele ruído ouvido, vendo sentada no seu quarto a minha tia, me avisava da sua morte; era o anúncio sonhado, era o sarrido comatoso, era a voz, o grito do coração da minha tia.